ISSN: 2358-8829

AS CAUSAS OCULTAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: PATRIARCADO, GÊNERO E EDUCAÇÃO FEMINISTA

Élyda Bernardino Costa [1]
Izayana Pereira Feitosa [2]

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher constitui um fenômeno social complexo, que nos últimos anos, tem recebido mais atenção da mídia e projetos que visam seu combate. Entretanto, esse fenômeno não pode ser compreendido apenas como episódios com motivações individuais, tendo em vista que causas ocultas, como o pensamento sexista, contribui para a manutenção das desigualdades de gênero e legitimação da violência, inclusive reforçando relações de poder e autoridade masculina nos espaços privados (hooks, 2018)

A naturalização das desigualdades de gênero são sustentadas por hierarquias sociais construídas historicamente, que contribuem para legitimar relações de poder entre homens e mulheres (Lucena et al., 2016). A educação feminista pode surgir como forma de conscientização crítica, principalmente fase da adolescência, em que estão se desenvolvendo valores e identidades. hooks (2018) defende a ampliação do alcance da educação feminista para além dos ambientes acadêmicos, de modo que seus princípios possam ser compreendidos e incorporados por pessoas de diferentes realidades sociais.

Sendo assim, pensando no contexto educacional, o psicólogo escolar pode ser uma ponte para tais discussões, já que pode funcionar como um elemento catalizador de reflexões, possibilitando que jovens questionem normas e concepções naturalizadas socialmente. A experiência relatada nesse trabalho teve objetivo promover reflexões sobre gênero, violência contra a mulher e construções sociais com adolescentes.

O presente trabalho consiste em um relato de experiência de uma intervenção desenvolvida no contexto escolar, buscando problematizar estereótipos, conceitos sobre gênero e consequentemente a prevenção da violência contra a mulher. Nesse sentido, foram promovidos espaços de diálogo e reflexão acerca das relações de gênero e de suas influências na vida cotidiana. As discussões evidenciaram a presença de concepções sobre gênero construídas no convívio familiar e em outros espaços de socialização.

[1] Pós-graduanda do Curso de Neuropsicologia da Unifacisa, psielyda@gmail.com;
[2] Professora Doutora do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, izayana.pereira@professor.ufcg.edu.br;

ISSN: 2358-8829

A experiência evidenciou a importância de promover problematização acerca de discursos naturalizados, principalmente na fase da adolescência, considerando a imersão dos jovens nos discursos das redes sociais, construindo práticas educativas que favoreçam o pensamento crítico, a igualdade de gênero e o enfrentamento da violência contra a mulher.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A experiência foi realizada entre maio e setembro de 2025, na Escola particular Primeiros Passos, na cidade de Barra de Santa Rosa, na Paraíba, com 14 estudantes da 1ª série do Ensino Médio. Foram realizados 15 encontros, mediados pela psicóloga escolar, abordando conceitos de gênero, relações sociais, patriarcado e violência contra a mulher.

Para o planejamento das intervenções, foram utilizadas como referências as obras "O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras" (2018) de bell hooks, e "A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações" (2023) de Valeska Zanello. As intervenções foram organizadas em etapas, utilizando estratégias expositivas, recursos audiovisuais e espaços de diálogo coletivo.

Os primeiros quatro encontros foram destinados à apresentação e à construção de conceitos relacionados a gênero e às desigualdades socialmente estabelecidas entre homens e mulheres, discutindo questões relacionadas a construção de papéis de gênero.

Nos quatro encontros seguintes, foi trabalhada a trajetória histórica da luta das mulheres por direitos, utilizando como recurso o filme As Sufragistas (Gavron, 2015). Após a exibição do filme, foram realizados outros encontros para rodas de conversa, nas quais os estudantes puderam compartilhar suas percepções, questionamentos e relações entre as situações apresentadas na obra e suas próprias experiências familiares e sociais.

Em outro momento da intervenção, os encontros permearam reflexões sobre os interesses e as atividades de lazer dos estudantes, a partir de questionamentos sobre os hobbies de meninas e meninos. A atividade buscou problematizar especialmente no que se refere à valorização do amor romântico na construção da subjetividade feminina. Nos últimos encontros, utilizou-se a série Adolescence (2025) da Netflix, como recurso para abordagem de temas como misogonia digital e discursos misóginos nas mídias.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, a lei Maria da Penha, criou mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do artigo 226, § 8º da Constituição Federal. Segundo a Lei, a violência contra a mulher pode manifestar-se de diferentes formas,

ISSN: 2358-8829

classificadas como violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Essas formas de agressão podem ocorrer simultaneamente. (Instituto Maria da Penha, s.d.).

Os estereótipos de gênero e padrões culturais, acabam por normalizar e banalizar a misoginia. As faladas "causas ocultas" da violência, são motivações que não são faladas ou divulgadas amplamente como os casos de violência. O desenvolvimento e crescimento das redes sociais, também favoreceu para que a violência contra a mulher também se manifeste no ambiente digital, por meio de discursos que culpam vítimas de violência e buscam deslegitimar ou silenciar mulheres. Essas manifestações evidenciam como as mídias sociais podem reproduzir desigualdades e concepções de superioridade masculina (Militão; Sá, 2021).

A adolescência constitui uma etapa importante e complexa do desenvolvimento humano, marcada por transformações físicas, psicológicas e sociais. Essas mudanças não ocorrem de forma isolada, mas são influenciadas pelo contexto histórico, social e cultural no qual o adolescente está inserido (Sifuentes; Dessen; Oliveira, 2007 apud Zappe; Dell'Aglio, 2016).

Nesse contexto de mídias digitais, surge no Brasil em 2023, o fenômeno *red pill*, associado à chamada "machosfera digital", trata-se de um movimento que deturpa o conceito que veio do filme Matrix, para valorizar a masculinidade e propagar o ódio contra as mulheres, disseminando discursos sobre masculinidade e relações de gênero que reproduzem concepções antifeministas e misóginas. Os discursos incentivam comportamentos misóginos com "*testes sociais*" para identificar condutas de "mulheres de valor" e exercer uma autoridade protetora e de comando (Lima-Santos; Santos, 2022; Bezerra; Menezes, 2024).

Entendendo que as redes sociais estão imersas na vida social dos jovens, e considerando a adolescência como período importante de desenvolvimento social, foi pensado então a relevância da realização de ações educativas que promovessem a reflexão crítica sobre gênero e conceitos e comportamentos relacionados às mulheres, considerando que as relações sociais entre homens e mulheres são permeadas pelas experiências familiares, normas culturais e agora também pela influência das redes sociais, que participam da construção da identidade do adolescente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização dos encontros no contexto escolar, possibilitou à Psicologia contribuir na compreensão e problematização das questões de gênero, pois inicialmente, mostrou-se necessário apresentar conceitos relacionados às construções sociais de gênero, uma vez que parte dessas discussões ainda era pouco conhecida pelos estudantes.

ISSN: 2358-8829

Nas discussões sobre gênero e socialização desde a infância, os estudantes trouxeram exemplos de como os papéis sociais de homens e mulheres eram ensinados e reproduzidos nos seus respectivos ambientes familiares, observamos as diferenças na forma de educação entre meninos e meninas, especialmente em relação aos brinquedos, comportamentos esperados e responsabilidades de cuidados e afazeres domésticos atribuídas a cada gênero.

Os relatos dos alunos abordaram a influência das figuras masculinas mais velhas da família, principalmente os avôs, na transmissão de ensinamentos sobre como os meninos deveriam se comportar, expressar seus sentimentos e se posicionar socialmente. Essas manifestações evidenciaram como as construções de gênero são perpetuadas entre as gerações, sendo incorporadas desde a infância, podendo permanecer até a vida adulta.

A utilização do filme As Sufragistas (Gavron, 2015) favoreceu o envolvimento dos estudantes, especialmente das meninas, que demonstraram indignação e revolta diante das situações das situações vivenciadas pelas mulheres na luta por direitos. As discussões possibilitaram entender que a conquista do direito ao voto representou apenas uma parte de um processo mais amplo de reivindicações e conquistas femininas.

Durante os encontros realizados sobre mídias digitais, um dos últimos temas abordados foi o fenômeno red pill, considerando a presença das redes sociais no cotidiano dos adolescentes. As discussões evidenciaram a necessidade de problematizar discursos que reproduzem concepções antifeministas, hierarquias entre homens e mulheres e modelos de masculinidade fundamentados no controle e na autoridade masculina (Lima-Santos; Santos, 2022; Bezerra; Menezes, 2024). Nesse sentido, a minissérie Adolescência (2025) foi utilizada como recurso para abordar a circulação de discursos misóginos no ambiente digital e suas possíveis influências na construção das masculinidades durante a adolescência.

As dificuldades na experiência surgiram em ampliar os olhares que estavam acostumados a naturalizar conceitos e ideias sobre homens e mulheres, o que gerou discussão e questionamento entre os próprios alunos, onde cada um sentiu-se à vontade para debater suas ideias e ouvir os outros.

De modo geral, a experiência evidenciou que as questões relacionadas ao patriarcado, às desigualdades de gênero e à violência contra a mulher ainda são pouco debatidas no cotidiano

dos estudantes, especialmente nos espaços familiares. Os relatos e questionamentos apresentados ao longo dos encontros demonstraram como determinadas concepções são naturalizadas e reproduzidas socialmente, muitas vezes sem que sejam submetidas a uma reflexão crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, evidencia-se a importância de ampliar essas discussões na educação básica, e além do espaço escolar, as redes sociais podem constituir importantes ferramentas para ampliar o acesso dos jovens a essas discussões.

A complexidade de abordar essas temáticas no ambiente escolar, demonstra que tais temas envolvem valores, experiências familiares e concepções construídas ao longo da vida, o que destaca a importância da Psicologia Escolar na mediação dessas discussões, considerando a necessidade de uma atuação profissional que possibilite acolher diferentes perspectivas, conduzir reflexões e favorecer o questionamento de discursos naturalizados, sem desconsiderar as experiências dos adolescentes.

A experiência foi enriquecedora e de descobertas para o ambiente escolar, reforça a importância de desenvolver tais práticas educativas, e se mostra viável e possível de se pensar a oportunidade de levar as ações para outras turmas da escola, principalmente em alunos ainda mais jovens.

Palavras-chave: Educação feminista, psicologia escolar, gênero, violência, patriarcado.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Josinaldo Alves; MENEZES, Camilla Karoline Rêgo de. Misoginia na era digital: explorando o movimento Red Pill e os desafios legais do combate à misoginia online no Brasil. *Direitos Humanos e Transdisciplinaridade*, v. 2, n. 2, p. 170–186, 2024. DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.1887-8214.2024v2n2.70700. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/dht/article/view/70700. Acesso em: 26 out. 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2011.340-2006?OpenDocument. Acesso em: 22 out. 2026.

GAVRON, Sarah (dir.). *As sufragistas*. Reino Unido: Pathé, 2015.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Tipos de violência.** Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html. Acesso em: 22 out. 2026.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares, et al. **Analysis of the cycle of domestic violence against women.** *Journal of Human Growth and Development*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139–146, 2016. Disponível em: https://revistas.usp.br/jhgd/pt_BR/article/view/119238 . Acesso em 26 out. 2026.

LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; SANTOS, Manoel Antônio dos. Incels e misoginia on-line em tempos de cultura digital. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081–1102, 2022. DOI: https://doi.org/10.12957/epp.2022.69802

MILITÃO, Bárbara Roriz de Menezes; SÁ, Renan Soares Torres de. Violência contra a mulher e as mídias sociais. Revista Jurídica Facesf, Belém do São Francisco-PE, v. 3, n. 1, p. 7–23, 2021. Disponível em: https://periodicosfacesf.com.br/index.php/revistajuridicafacesf/article/view/23. Acesso em: 8 nov. 2026.

THORNE, Jack; GRAHAM, Stephen (criadores). Adolescência (Adolescence). Reino Unido: Netflix, 2025. Minissérie (4 episódios).

ZANELLO, Valeska. *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. São Paulo: Appris, 2023.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 99–110, 2016. DOI: https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494.